

## **UMA ANÁLISE DOS DESAFIOS DISCENTES NA TRANSIÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA O II NAS ESCOLAS**

AN ANALYSIS OF STUDENTS' CHALLENGES IN THE TRANSITION FROM  
ELEMENTARY SCHOOL I TO II IN SCHOOLS

UN ANÁLISIS DE LOS DESAFÍOS ESTUDIANTILES EN LA TRANSICIÓN DE LA  
EDUCACIÓN PRIMARIA I A LA II EN LAS ESCUELAS

**Lilson Carlos do Nascimento Martins**  
**Orientador: Dr. Ederson Renan Pacheco Farias**

### **RESUMO**

A transição para o Ensino Fundamental apresentou desafios aos alunos, que precisaram se adaptar pedagogicamente para promover o desenvolvimento cognitivo adequado. Dessa forma, fica claro que esse processo de mudança demanda abordagens pedagógicas bem pensadas e empáticas que promovam a inclusão social e fortalecer laços interpessoais enquanto garantem um desenvolvimento dos alunos. Para isso, é adotada uma abordagem qualitativa baseada na revisão de literatura que reúne autores atuais comprometidos em compreender os efeitos da reorganização do currículo escolar e a importância da relação entre professor e aluno e o papel da gestão escolar pedagógica ao articular essas análises com documentos normativos e políticas educacionais públicas. O apoio institucional sólido diminui as sensações de incerteza e promover estabilidade emocional. A importância da conexão entre o currículo e as metodologias pedagógicas para manter a continuidade no processo educacional. Recentemente foi observado que as transformações na estrutura das escolas e a necessidade crescente por maior autonomia dos estudantes aumentam os obstáculos para se adaptar ao ambiente estudantil. O período de transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II é um momento crucial e sensível na jornada educacional dos alunos. Durante essa fase ocorrem mudanças significativas em termos cognitivos e emocionais que impactam diretamente como aprendem e se adaptam ao novo ambiente escolar. Neste artigo busca-se analisar os obstáculos enfrentados pelos estudantes nesse período considerando aspectos pedagógicos e psicossociais que influenciam o desempenho e o desenvolvimento global dos indivíduos.

**Palavras-chave:** Transição escolar; Ensino fundamental; Desafios discentes; Adaptação pedagógica; Desenvolvimento cognitivo.

## **ABSTRACT**

Students experience vital educational growth when they transition from Elementary School I to Elementary School II because these changes affect their learning abilities and their capacity to adjust to different academic settings. The research examines student difficulties through an evaluation of academic performance and developmental aspects that stem from educational methods and psychological aspects. The research used a qualitative method which combined studies from recent literature to examine curriculum restructuring effects and teacher-student relationships and pedagogical management strategies and their connections to educational policies and normative documents. The research shows that institutional backing provides students with security, but teaching methods and school administration and curriculum support help maintain learning stability. The combination of school structural changes with increasing student autonomy needs makes it harder for students to adapt, according to recent studies. The research investigates these obstacles to create educational methods which promote social unity and enhance student relationships and mental and emotional growth during this transition period.

**Keywords:** School transition; Elementary education; Student challenges; Pedagogical adaptation; Cognitive development.

## **RESUMEN**

La transición a la Educación Primaria presentó desafíos a los estudiantes, quienes necesitaron adaptarse pedagógicamente para promover un desarrollo cognitivo adecuado. De este modo, resulta claro que este proceso de cambio exige enfoques pedagógicos bien pensados y empáticos que fomenten la inclusión social y fortalezcan los lazos interpersonales, garantizando al mismo tiempo el desarrollo de los alumnos. Para ello, se adopta un enfoque cualitativo basado en la revisión de la literatura que reúne a autores actuales comprometidos con la comprensión de los efectos de la reorganización del currículo escolar, la importancia de la relación entre profesor y alumno y el papel de la gestión escolar pedagógica al articular dichos análisis con documentos normativos y políticas educativas públicas. Un apoyo institucional sólido disminuye las sensaciones de incertidumbre y promueve la estabilidad emocional. Asimismo, se destaca la importancia de la conexión entre el currículo y las metodologías pedagógicas para mantener la continuidad en el proceso educativo. Recientemente, se ha observado que las transformaciones en la estructura de las escuelas y la creciente necesidad de una mayor autonomía por

parte de los estudiantes aumentan los obstáculos para adaptarse al entorno escolar. El período de transición de la Educación Primaria I a la Educación Primaria II constituye un momento crucial y sensible en la trayectoria educativa de los estudiantes. Durante esta etapa ocurren cambios significativos tanto a nivel cognitivo como emocional que impactan directamente en la manera en que aprenden y se adaptan al nuevo contexto escolar. En este artículo se busca analizar los obstáculos que enfrentan los estudiantes en este período, considerando los aspectos pedagógicos y psicosociales que influyen en su desempeño y en su desarrollo integral.

**Palabras clave:** Transición escolar; Educación primaria; Desafíos estudiantiles; Adaptación pedagógica; Desarrollo cognitivo.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação básica brasileira, estruturada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelece o Ensino Fundamental como uma etapa obrigatória que contempla dois ciclos distintos: o Ensino Fundamental I, que abrange os anos iniciais, e o Ensino Fundamental II, destinado aos anos finais. A passagem de um ciclo para outro representa uma fase de transição que envolve profundas transformações na organização curricular, nas práticas pedagógicas e nas relações interpessoais, afetando a experiência discente. Esse movimento, frequentemente marcado por sentimentos de insegurança e instabilidade, demanda da escola, dos professores e das famílias um esforço conjunto para garantir a continuidade do aprendizado e a preservação do desenvolvimento integral dos estudantes (LIMA, 2023).

Sob essa perspectiva, compreender os impactos que a transição entre os ciclos provoca no rendimento acadêmico, na adaptação emocional e na construção da autonomia discente revela-se essencial para o avanço das políticas educacionais e para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas. Segundo Rodrigues e Prado (2022), as mudanças exigem maior suporte institucional, pois a reorganização do espaço escolar e o aumento das demandas cognitivas e comportamentais podem potencializar dificuldades de integração. Além disso, autores como Amorim (2022)

destacam que os vínculos estabelecidos entre professores e alunos desempenham papel decisivo na construção de um ambiente escolar acolhedor, capaz de reduzir sentimentos de ansiedade e favorecer a permanência.

O presente estudo, de caráter qualitativo, utiliza revisão bibliográfica com base em pesquisas recentes que abordam a transição entre os ciclos do Ensino Fundamental, incluindo autores como Lima (2023), Araújo (2023) e Borges *et al.* (2015), cujos trabalhos apresentam diferentes perspectivas sobre o tema. A análise articula elementos históricos, pedagógicos e psicossociais, com ênfase nos fatores que contribuem para o desempenho acadêmico e no desenvolvimento de estratégias capazes de minimizar os impactos emocionais e cognitivos durante o processo de adaptação. Ao estabelecer esse diálogo, busca-se evidenciar que a transição escolar, longe de se configurar somente como mudança de nível, constitui um fenômeno complexo, que exige a implementação de práticas pedagógicas planejadas e integradas às demandas contemporâneas da educação.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO FUNDAMENTAL NO BRASIL**

A configuração atual do Ensino Fundamental brasileiro nasce de um longo e sinuoso percurso histórico, tecido por disputas, esperanças e reformulações que atravessaram leis, métodos e políticas públicas. A cada década, o país foi redesenhando sua maneira de compreender o que significa educar e, com isso, transformando o olhar sobre a infância, o aprendizado e o próprio sentido da escola. Entre essas mudanças, uma se destaca como divisor de águas: a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), que consolidou o Ensino Fundamental como etapa obrigatória e pilar da formação básica. Anos mais tarde, a Lei nº 11.274/2006 estendeu sua duração para nove anos, alterando tempos, currículos e expectativas. A intenção era nobre, oferecer

mais tempo de aprendizagem e maturação, mas, como toda mudança profunda, trouxe novos desafios. De repente, a escola precisou reinventar seus modos de ensinar, e o professor, reaprender a acompanhar os diferentes ritmos de quem aprende (LIMA, 2023).

Nos anos iniciais, que compõem o Ensino Fundamental I, o foco está no encantamento das primeiras letras, no despertar da leitura e na formação das habilidades que sustentam todo o conhecimento futuro. É o tempo do descobrimento do mundo, do aprender com o corpo, com o som das palavras e com o afeto que media o saber. Já no Ensino Fundamental II, o cenário muda: novos professores, novas matérias, exigências mais complexas e um espaço que, aos olhos do estudante, parece mais vasto e menos previsível. A travessia entre esses dois mundos exige mais do que o domínio de conteúdos; exige maturidade emocional, coragem para lidar com o desconhecido e uma rede que acolha o estudante enquanto ele tenta se reencontrar em uma nova rotina. Quando a escola falha em oferecer essa rede, o salto se torna mais brusco. Segundo Araújo (2023), a ausência de um acompanhamento sensível pode ampliar tensões, gerar insegurança e criar fissuras no processo de aprendizagem que dificilmente se recompõem sozinhas.

Marcondes (2012) lembra que a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos nasceu do desejo de suavizar essa transição, permitindo que as crianças tivessem tempo para construir bases sólidas antes de enfrentar os desafios mais abstratos e exigentes. No entanto, nem sempre o que está escrito na lei se materializa no cotidiano da sala de aula. Em muitas escolas, o tempo aumentou, mas o planejamento não acompanhou o ritmo das mudanças. Currículos seguiram fragmentados, professores continuaram sobrecarregados e a ponte entre os ciclos permaneceu instável, um reflexo da distância entre intenção e prática que ainda marca grande parte da educação brasileira.

Nesse cenário, a transição entre os ciclos passou a ser reconhecida como um fenômeno complexo, tecido por múltiplas dimensões: cognitiva, social, afetiva. Trata-se de atravessar uma fase de redescoberta de si. Rodrigues e Prado (2022)

observam que a reorganização das rotinas, somada à variedade de disciplinas e exigências, pode afetar profundamente o desempenho e a autoestima dos alunos, sobretudo quando o ambiente escolar não oferece um acolhimento real. E, em contextos de desigualdade social, como lembra Reis (2018), essas dificuldades se ampliam: faltam recursos, faltam professores bem formados, falta o tempo da escuta, e é nesse vazio que muitos estudantes acabam se perdendo entre um ciclo e outro.

Compreender esse processo, sob a lente da história e da prática pedagógica, é enxergar a escola como espelho e motor do tempo em que vive. Ela carrega as marcas de cada reforma, mas também o poder de se recriar a partir delas. Revisitar essa trajetória é mais do que um exercício teórico: é um gesto de esperança. É acreditar que, ao unir políticas públicas consistentes, formação docente sólida e metodologias que respeitem o tempo humano da aprendizagem, a transição entre os ciclos pode deixar de ser uma ruptura e se tornar um percurso contínuo, vivo e afetivo. Porque, em última instância, cada passagem escolar é também uma passagem de vida, o momento delicado em que a infância se despede aos poucos e o novo sujeito começa a olhar o mundo com olhos próprios, aprendendo o sentido de seguir aprendendo.

## **2.2 DESAFIOS DISCENTES NA TRANSIÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA O II**

A passagem do Ensino Fundamental I para o II talvez seja uma das etapas mais delicadas e complexas de toda a vida escolar. É o momento em que o aluno, ainda marcado pelas referências da infância, é convidado a lidar com novas exigências, ritmos e linguagens. As rotinas mudam, as expectativas se ampliam, e o ambiente, antes familiar, ganha contornos mais impessoais. O estudante, que até então convivia com um único professor e um grupo estável de colegas, passa a circular entre diferentes salas, disciplinas e modos de ensinar. Esse novo cenário, cheio de vozes e ritmos distintos, exige mais do que atenção e esforço: pede

autonomia, organização e, sobretudo, coragem para se adaptar. Borges *et al.* (2015) descrevem esse período como um momento de reconfiguração profunda das relações interpessoais, uma fase em que os vínculos afetivos, antes seguros, se fragmentam e precisam ser reconstruídos com base em novas formas de pertencimento, identidade e estabilidade emocional.

Nesse contexto de mudança, a figura do professor torna-se um eixo de equilíbrio. Amorim (2022) lembra que a relação pedagógica mediada pela empatia e pelo acolhimento é capaz de suavizar as inseguranças e restaurar a autoconfiança dos estudantes. O gesto atento do educador, o olhar que reconhece, o tempo que escuta, tudo isso tem força de reorientar trajetórias. Quando essa presença falta, a transição pode se tornar árida: surgem sentimentos de desamparo, desmotivação e afastamento. Alves e Santos (2024) alertam que a ausência de acompanhamento individualizado tende a agravar tanto as dificuldades emocionais quanto as cognitivas, gerando lacunas de aprendizagem e intensificando a sensação de desorientação, especialmente entre aqueles que já enfrentavam desafios anteriores em seu percurso escolar.

Há ainda um aspecto frequentemente silenciado, mas de enorme relevância: a vulnerabilidade dos estudantes, público-alvo da educação especial. Prado *et al.* (2022) evidenciam que, para esses alunos, a transição é ainda mais complexa, marcada por barreiras que se multiplicam. A escassez de recursos acessíveis, a falta de adaptações pedagógicas consistentes e a ausência de práticas verdadeiramente inclusivas tornam esse percurso desigual. Em vez de representar um avanço, a passagem de ciclo, quando mal planejada, pode acentuar distâncias e cristalizar exclusões. Cada obstáculo invisível, uma rampa inexistente, um material inacessível, que amplia as desigualdades e limita o potencial de desenvolvimento.

Perceber a transição escolar como um fenômeno multifacetado é reconhecer que ela ultrapassa o currículo e alcança a vida. É um processo que atravessa o cognitivo, o emocional, o social e o institucional, exigindo da escola uma visão mais integrada, sensível e humana. Compreender suas nuances é o primeiro

passo para transformar a travessia em aprendizado. Planejar estratégias de acolhimento, oferecer espaços de escuta e garantir continuidade pedagógica são gestos que ressignificam o ensino e devolvem ao aluno o sentimento de pertencimento. Assim, a passagem entre ciclos deixa de ser um abismo e se torna ponte, um caminho em que aprender e crescer voltam a caminhar juntos, sustentados por vínculos, confiança e afeto.

### **2.3 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E PRÁTICAS DE APOIO**

Enfrentar os desafios vivenciados pelos estudantes na passagem do Ensino Fundamental I para o II é mais do que ajustar horários e currículos, é cuidar de pessoas em movimento. Cada criança que atravessa essa fronteira traz consigo medos, expectativas e pequenas vitórias que pedem escuta e acolhimento. Por isso, o planejamento pedagógico precisa ser intencional, sensível e vivo, capaz de unir afeto, inovação e compromisso institucional. Borges *et al.* (2015) lembram que o processo de adaptação se torna mais sólido quando a escola assume o papel de tecelã, entrelaçando professores, gestores e famílias em uma rede de apoio. Programas de integração que promovem diálogo constante, momentos de convivência e espaços de escuta compartilhada fortalecem vínculos e suavizam as tensões naturais desse tempo de transição, tornando o ambiente escolar mais humano e seguro.

Nesse cenário, a relação entre docentes e discentes é o verdadeiro eixo de sustentação. Amorim (2022) destaca que práticas pedagógicas baseadas na empatia, na escuta ativa e no reconhecimento da singularidade de cada aluno produzem conhecimento e pertencimento. Quando o professor enxerga além do conteúdo, quando percebe o cansaço, a dúvida, o brilho no olhar, ele devolve ao estudante o desejo de aprender. Reis (2018) acrescenta que esse acolhimento precisa vir acompanhado de uma gestão escolar propositiva, disposta a repensar o currículo e a formação docente. Preparar o professor para compreender e agir diante das especificidades dessa etapa é um investimento que ultrapassa o plano

pedagógico e alcança o ético: é garantir que a escola se mantenha um lugar de encontro.

Metodologias ativas têm se revelado fortes aliadas nesse processo de reconstrução da experiência escolar. Aprendizagem baseada em projetos, gamificação, sala de aula invertida, cada uma dessas abordagens, como lembram Peternela *et al.* (2024), aproxima o aluno do centro do processo educativo, devolvendo-lhe o papel de protagonista de seu próprio percurso. Ao incorporar recursos digitais e atividades interativas, Alves e Santos (2024) observam que a escola amplia o alcance do aprendizado, oferecendo caminhos alternativos a quem enfrenta dificuldades e reconhecendo a diversidade dos modos de aprender. A tecnologia, quando usada com propósito, pode transformar o desafio em curiosidade, o erro em descoberta, e o estudo em vivência.

Outro aspecto fundamental é o fortalecimento das políticas públicas voltadas à transição entre os ciclos. Sem diretrizes claras e apoio institucional, o esforço individual das escolas se perde em meio às desigualdades estruturais. Prado *et al.* (2022) chamam atenção especial para os estudantes público-alvo da educação especial, que ainda encontram barreiras físicas, pedagógicas e simbólicas em seu percurso. A inclusão, lembram os autores, só se torna efetiva quando há acesso real a materiais adaptados, recursos de apoio e práticas inclusivas integradas ao cotidiano escolar. É nesse ponto que a articulação entre famílias, professores e órgãos gestores se torna indispensável: a escola sozinha não dá conta, e o Estado precisa ser presença ativa e normativa.

Por fim, é nas redes de apoio multidisciplinares que a escola reencontra sua potência humana. Quando pedagogos, psicólogos, assistentes sociais e professores atuam de forma conjunta, o olhar sobre o aluno se amplia, e o cuidado ganha profundidade. Lima (2023) ressalta que o acompanhamento emocional aliado ao pedagógico é decisivo para prevenir a evasão, fortalecer o sentimento de pertencimento e criar condições para que o estudante cresça de forma integral. Em tempos de pressa e fragmentação, investir em práticas pedagógicas inovadoras e em políticas institucionais sólidas é o caminho para transformar a transição escolar

em experiência de crescimento. Assim, o que antes poderia parecer uma ruptura se converte em travessia: um movimento de passagem em que aprender e ser acolhido caminham lado a lado.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa, fundamentada em uma abordagem descritiva e analítica, voltada à compreensão profunda dos fenômenos que envolvem a transição dos alunos do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II. Essa escolha metodológica baseia-se na premissa de que os desafios enfrentados pelos estudantes nesse processo não se reduzem a números ou estatísticas, mas estão imersos em experiências humanas complexas, que envolvem dimensões cognitivas, emocionais e sociais. Segundo Minayo (2012), a pesquisa qualitativa permite interpretar o significado das ações e das relações humanas, reconhecendo a subjetividade como parte essencial do processo de construção do conhecimento. Assim, a presente investigação busca compreender como as práticas pedagógicas, a gestão escolar e o suporte institucional influenciam o processo de adaptação dos discentes, a partir da análise de estudos e autores que se debruçaram sobre o tema na última década.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de um levantamento bibliográfico sistematizado, contemplando produções acadêmicas publicadas entre 2015 e 2025, com foco em artigos científicos, dissertações e materiais de referência obtidos em bases reconhecidas, como SciELO, CAPES e Google Scholar. As produções propostas abordaram temas relacionados à transição escolar, adaptação pedagógica, desenvolvimento cognitivo e inclusão educacional, compondo um panorama teórico sólido e atualizado. O material analisado foi interpretado sob uma ótica humanizada, que considera os resultados apresentados e o contexto das experiências descritas, as relações entre professores e alunos e os aspectos psicossociais que permeiam o cotidiano escolar. Cada dado é compreendido como um fragmento de realidade que ajuda a compreender o sentido da educação. Ao

adotar uma abordagem qualitativa, este estudo reafirma o valor da escuta, da empatia e do olhar sensível sobre quem vive o processo educacional. A pesquisa busca ouvir, compreender e interpretar o que pulsa por trás das palavras, transformando o conhecimento em instrumento de reflexão e acolhimento.

A análise do material foi realizada sob uma perspectiva humanizada, valorizando os resultados apresentados pelos autores e o contexto das experiências relatadas, as interações entre professores e alunos e os aspectos psicossociais que atravessam o cotidiano escolar. Assim, cada dado interpretado é compreendido como mais do que uma informação: é um fragmento de vida, um eco das realidades que formam o tecido da escola. Ao adotar uma abordagem qualitativa, o estudo reafirma o valor da escuta, da metodologia e do olhar atento sobre aqueles que vivem o processo educacional.

A investigação descreve fatos e busca sentir, compreender e ressignificar o que acontece no interior da escola, transformando o conhecimento em instrumento de acolhimento e reflexão. Essa postura ética e sensível permite considerar o estudante como um ser integral, com histórias, afetos e singularidades que precisam ser consideradas para que o aprendizado seja realmente significativo. Dessa forma, a metodologia aqui empregada expressa o compromisso com uma educação que une ciência e sensibilidade, teoria e experiência, razão e humanidade, uma forma de pesquisa que enxerga a educação como objeto de estudo e como encontro, escuta e construção compartilhada de sentido.

#### **4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

A análise dos resultados obtidos a partir da revisão bibliográfica revelou diferentes nuances que ajudam a compreender o que os estudantes realmente vivem ao passar do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II. As pesquisas mostram que esse momento vai muito além de uma simples mudança de etapa escolar: ele representa um período de intensas transformações cognitivas, emocionais e sociais. O aluno precisa aprender a lidar com novas exigências

acadêmicas, adaptar-se a professores diferentes, ajustar-se a novas rotinas e, ao mesmo tempo, encontrar um novo lugar para si dentro da escola. É uma fase de crescimento, mas também de fragilidade, um tempo em que o estudante tenta se reencontrar como aprendiz.

Os estudos indicam que essa transição envolve uma verdadeira reorganização interna. O aluno se vê diante da necessidade de redescobrir sua segurança, reconstruir vínculos e criar novas formas de pertencer. Entre os resultados mais recorrentes, aparece o impacto emocional provocado pela quebra das antigas rotinas e pelo afastamento de vínculos anteriores. Conviver com vários professores, enfrentar métodos de ensino diferentes e avaliações mais exigentes pode gerar insegurança, ansiedade e medo de falhar, sentimentos comuns, mas muitas vezes silenciados dentro da escola.

Autores como Lima (2023) e Rodrigues e Prado (2022) apontam que a ausência de acompanhamento pedagógico nesse período tende a agravar as dificuldades, favorecendo a queda no rendimento, o desinteresse e até a evasão. O sentimento de desorientação se intensifica quando o ambiente escolar não oferece acolhimento emocional ou estratégias que ajudem o estudante a se sentir pertencente. Sem esse cuidado, o aluno pode se perder entre o conteúdo e o medo.

Outro ponto que se destaca nos estudos é o valor do vínculo afetivo entre professores e alunos. Amorim (2022) e Alves e Santos (2024) ressaltam que uma relação pedagógica construída sobre a escuta, o diálogo e o afeto é determinante para uma adaptação bem-sucedida. Quando o aluno se sente ouvido e respeitado, o aprendizado se torna mais leve, o medo cede espaço à curiosidade e a confiança floresce. Humanizar o ato de ensinar é, portanto, mais do que um ideal, é um caminho para transformar a transição em experiência de crescimento.

A literatura também destaca a importância da gestão escolar nesse processo. Quando a escola se posiciona de forma acolhedora e cria pontes entre professores, famílias e equipe pedagógica, a transição acontece com menos tensão. Ações como reuniões de orientação, acompanhamento individualizado, projetos de integração e metodologias participativas ajudam a fortalecer o senso de

pertencimento dos alunos. Sem essas iniciativas, o percurso tende a se tornar fragmentado, gerando desmotivação e distanciamento (REIS, 2018).

Os resultados ainda mostram que é preciso renovar as formas de ensinar. Os métodos tradicionais, centrados apenas na exposição de conteúdo, já não respondem às demandas dessa nova etapa. Metodologias ativas, como aprendizagem baseada em projetos, gamificação e sala de aula invertida, aparecem como alternativas capazes de despertar o interesse, desenvolver autonomia e estimular o protagonismo estudantil, tornando o aprendizado mais vivo e próximo da realidade dos alunos (PETERNELA *et al.*, 2024).

Por outro lado, o desafio da inclusão permanece como uma ferida aberta. Alunos público-alvo da educação especial ainda enfrentam barreiras pedagógicas e sociais, muitas vezes causadas pela falta de recursos adequados e de formação docente voltada à diversidade. Essa realidade evidencia a urgência de políticas que assegurem equidade, acessibilidade e condições reais de aprendizagem para todos (PRADO *et al.*, 2022).

Em síntese, os resultados revelam que a transição entre os ciclos do Ensino Fundamental é um processo vivo e sensível, que pede escuta, presença e cooperação. Quando professores, gestores, famílias e políticas educacionais caminham juntos, a passagem deixa de representar uma perda e passa a se tornar uma travessia, um tempo de amadurecimento, pertencimento e descoberta, onde o aprender se confunde com o crescer.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem do Ensino Fundamental I para o II é uma mudança de etapa: é um ponto de virada. Um momento em que tudo acontece ao mesmo tempo. Professores novos. Disciplinas diferentes. Mais conteúdos, mais responsabilidades, mais exigências. Relações que precisam ser reconstruídas e rotinas que já não cabem mais no mesmo formato. Para muitos estudantes, esse é o instante em que a escola deixa de ser somente um espaço conhecido e se transforma em um

território de descobertas, mas também de incertezas. Cada detalhe, das novas regras ao novo ritmo, traz consigo um convite, um desafio: aprender a amadurecer, lidar com a pressão, encontrar um lugar onde caibam suas dúvidas e seus avanços. Sem apoio, esse caminho pode se tornar árduo. Inseguranças crescem. As dificuldades se acumulam. E, em alguns casos, a evasão escolar deixa de ser uma ameaça distante para se tornar uma realidade possível.

O suporte institucional é decisivo para que esse percurso seja menos pesado. Quando a escola cria condições para que o estudante se sinta amparado, é possível atravessar essa fase com mais equilíbrio, desenvolvendo, gradualmente, competências cognitivas e socioemocionais que o preparem para os desafios futuros. Na mesma direção, a continuidade da aprendizagem só acontece quando currículo, metodologias e gestão escolar conversam entre si, criando um caminho que conecta. Construir vínculos significativos entre professores e alunos, associar metodologias inovadoras à prática cotidiana e sustentar políticas públicas consistentes é uma necessidade. São essas ações que reduzem desigualdades e oferecem aos estudantes a chance de viver uma aprendizagem mais rica, mais justa e mais significativa.

Por isso, compreender a complexidade dessa transição exige um olhar que enxerga o todo, o estudante, seus contextos, suas fragilidades e suas potências. Investir na formação continuada de professores, fortalecer práticas inclusivas e aproximar escola, família e órgãos gestores são passos essenciais para que esse período seja vivido com menos rupturas e mais acolhimento. Ao reconhecer a singularidade de cada trajetória, reafirma-se a importância de planejar a adaptação e de criar caminhos para que cada estudante avance com segurança, confiança e sentido. No fim, trata-se de mudar de ciclo e criar condições para que essa travessia se transforme em crescimento, pertencimento e possibilidades.

## 6 REFERÊNCIAS

ALVES, Gyselle Martins; SANTOS, Luriely Ribeiro dos. A criança e a transição da educação infantil para o ensino fundamental: principais dificuldades e o papel do educador nesse processo. 2024. <https://repositorio.ueg.br/jspui/handle/riueg/6032>. Acesso em: 06 de setembro de 2025.

AMORIM, Rosicléa Oliveira. A TRANSIÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE O ENSINO FUNDAMENTAL IEO ENSINO FUNDAMENTAL II: IMPLICAÇÕES AFETIVAS NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO. Revista Acadêmica Online, v. 8, n. 42, p. e989-e989, 2022. <https://www.revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/download/989/1047>. Acesso em: 09 de setembro de 2025.

ARAÚJO, Alessandra Oliveira. A transição da educação infantil para o ensino fundamental: a criança de seis anos e os direitos de aprendizagem. 2023. <http://200.18.15.28/handle/1/10149>

BORGES, Renata Sales de Moraes *et al.* Desafios ao educador na transição do quinto para o sexto ano nas escolas públicas do estado de São Paulo: uma proposta de formação. 2015. <https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/educacaoformacaoformadores/renata-sales-de-moraes-borges.pdf>. Acesso em: 09 de setembro de 2025.

LIMA, Laura Cristina Silva de. Transição da Educação Infantil para os anos iniciais do ensino fundamental: uma análise da proposta de um município do Vale do Paraíba. 2023. <https://mpe.unitau.br/wp-content/uploads/dissertacoes/2023/Laura-Cristina-Silva-de-Lima.pdf>. Acesso em: 09 de setembro de 2025.

MARCONDES, Keila Hellen Barbato. Continuidades e discontinuidades na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental no contexto de nove anos. 2012. <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/a08e9cd5-5822-4eeb-b32e-0da1d371aabb>. Acesso em: 09 de setembro de 2025.

PETERNELA, Daiane Cristine *et al.* O ensino de Ciências da Natureza no contexto pandêmico: uma reflexão docente a partir do período de transição escolar nos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental. 2024. <https://tede.unioeste.br/handle/tede/7231>. Acesso em: 06 de setembro de 2025.

PRADO, LEIVA AYRES *et al.* Desafios e inquietações da docência: A transição de alunos público-alvo da educação especial do 5º (quinto) para o 6º (sexto) ano do ensino fundamental. 2022. <https://tede.unicentro.br/jspui/bitstream/jspui/1913/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Leiva%20Ayres%20do%20Prado.pdf>. Acesso em: 06 de setembro de 2025.

REIS, Ana Terra Salles. Um novo olhar da gestão para o ensino fundamental: propostas para as turmas em transição de ciclos. 2018. <http://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/8618/1/anaterrasallesreis.pdf>. Acesso em: 06 de setembro de 2025.

RODRIGUES, Isabeli; PRADO, Juliana Rodrigues do. Os desafios enfrentados na transição da educação infantil para o ensino fundamental: uma análise sob a perspectiva da Psicologia. 2022. <https://ri.uepg.br/monografias/handle/123456789/182>. Acesso em: 06 de setembro de 2025.